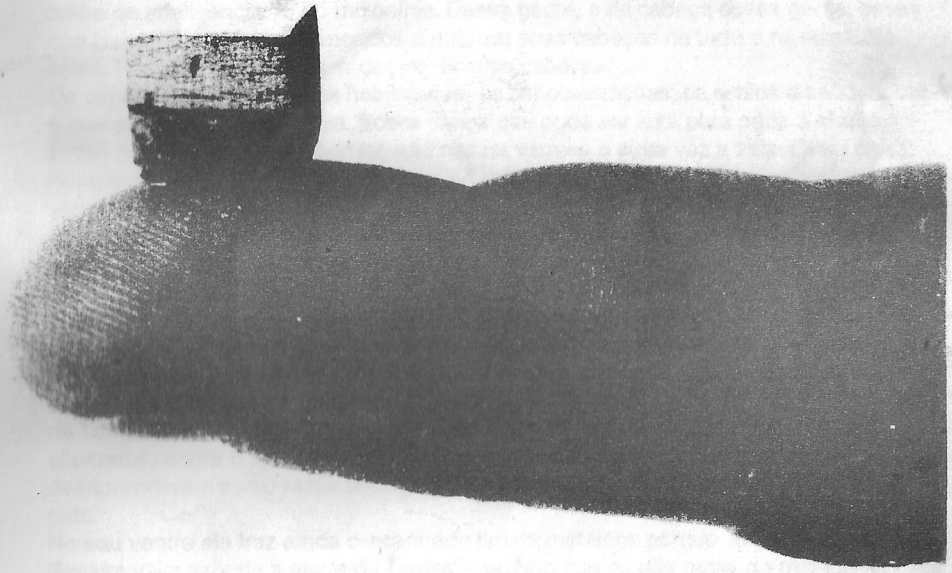
cuca

UNE

Projeto Interferência Ambiental

Ano 0 Número 02 Setembro 2002



Cruzeiro do Sul 1970

Não estou aqui nessa exposição para defender uma carreira e nem uma nacionalidade.
Ou antes, eu gostaria sim, de falar sobre uma região que não consta nos mapas oficiais, e que se chama Cruzeiro do Sul.
Seus primitivos habitantes jamais a dividiram. Porém vieram outros, e a dividiram com uma finalidade. A divisão continua até hoje.
Acredito que cada região tenha sua linha divisória, imaginária ou não. Essa que me refiro chama-se Tordesilhas. A parte leste, vocês mais ou menos conhecem; por postais, fotos, descrições e livros.
Mas eu gostaria de falar de outro lado desta fronteira, com a cabeça sob a linha do Equador, quente e enterrada na terra, o contrário dos arranha-céus, as raízes, dentro da terra, de todas as constelações. O lado selvagem. A selva na sua cabeça, sem o brilho da inteligência ou do raciocínio. Dessa gente, e da cabeça dessa gente, esses que buscaram ou foram obrigados a enterrar suas cabeças na terra e na lama. Na selva. Portanto suas cabeças dentro de suas cabeças.
Os circos, os raciocínios, as habilidades, as especializações, os estilos a cabo. Sobra o que sempre existiu, a terra. Sobra dança que pode ser feira para pedir a chuva. Então pântano. E desse pântano vão nascer vermes e outra vez a vida. Outra coisa. Acreditem sempre em boatos. Porque na selva não existem mentiras, existem verdades pessoais.
Os precursores. Mais que ousou intuir a oeste de Tordesilhas senão seus próprios habitantes? Azar para os hippies e suas praias esterilizadas, suas terras desinfetadas, seus plásticos, seus cultos eunucos e suas inteligências histéricas. Azar para o leste. Azar para os omissos: tomaram sem querer o lado dos fracos. Pior para eles. Porque a selva se alastrará e crescerá até cobrir suas praias esterilizadas, suas terras desinfetadas seus sexos ociosos, seus edifícios, suas estradas, seus *earth-works, think-work, nihil-works, water-works, conceptual-works and so on,* leste de Tordesilhas e todo e qualquer leste de qualquer região. A selva continuará se alastrando sobre o leste e sobre os omissos até que todos os que esqueceram e desaprenderam como respirar oxigênio morram, infeccionados de saúde. Cama de gato.
No seu ventre ela traz ainda o acanhado fim da metáfora: porque as metáforas não têm um valor próprio a oeste de Tordesilhas. Não que eu não goste de metáforas: quero algum dia que cada trabalho seja visto não como um objeto de elucubrações esterilizadas, mas como marcos, como recordações evocações de conquistas reais e visíveis. E que quando ouvirem a Historia desse oeste estejam ouvindo lendas e fábulas e alegorias fantásticas. Porque o povo cuja História são lendas e fábulas é um povo feliz.

brigida campbell

marcelo terça-nada

ufmg - belo horizonte - mg

joão cabral de melo neto

(...) Conheço todos eles,
do Agrestes e da Caatinga;
gente também da Mata
vomitadas pelas usinas;
gente também daqui
que trabalha nestas usinas,
que aqui não moem cana,
moem coisas muitos mais finas.
Muitas eu vi passar:
fábricas, como aqui se apelidam;
têm bueiro como usina,
são iguais também por famintas.
Só que as enormes bocas
que existem aqui nestas usinas
encontram muitas pedras
dentro de sua farinha.

A gente da cidade
que há no avesso do Recife
tem em mim um amigo,
seu companheiro mais íntimo.
Vivo com esta gente,
entro-lhes pela cozinha;
como bicho de casa
penetro nas camarinhas.
As vilas que passei
sempre abracei como amigo;
desta vila de lama
é que sou mais do que amigo:
sou amante, que abraça
com corpo mais confundido;
sou amante, com ela
leito de lama divido.

Tudo o que encontrei
na minha longa descida,
montanhas, povoados,
caieiras, viveiros, olarias,
mesmo esses pés de cana
que tão iguais me pareciam,
tudo levava um nome
com que poder ser conhecido.
A não ser esta gente
que pelos mangues habita:
eles são gente apenas
sem nenhum nome que os distinga;
que os distinga na morte

que aqui é anônima e seguida.
São como ondas de mar,
uma só onda, e sucessiva.

A não ser esta cidade
que vim encontrar sob o Recife:
sua metade podre
que com lama podre se edifica.
É cidade sem nome
sob a capital tão conhecida.
Se é também capital,
será uma capital mendiga.
É cidade sem ruas
e sem casas que se diga.
De outra qualquer cidade
possui apenas polícia.
Desta capital podre
só as estatísticas dão notícia,
ao medir sua morte,
pois não há o que medir em sua vida.

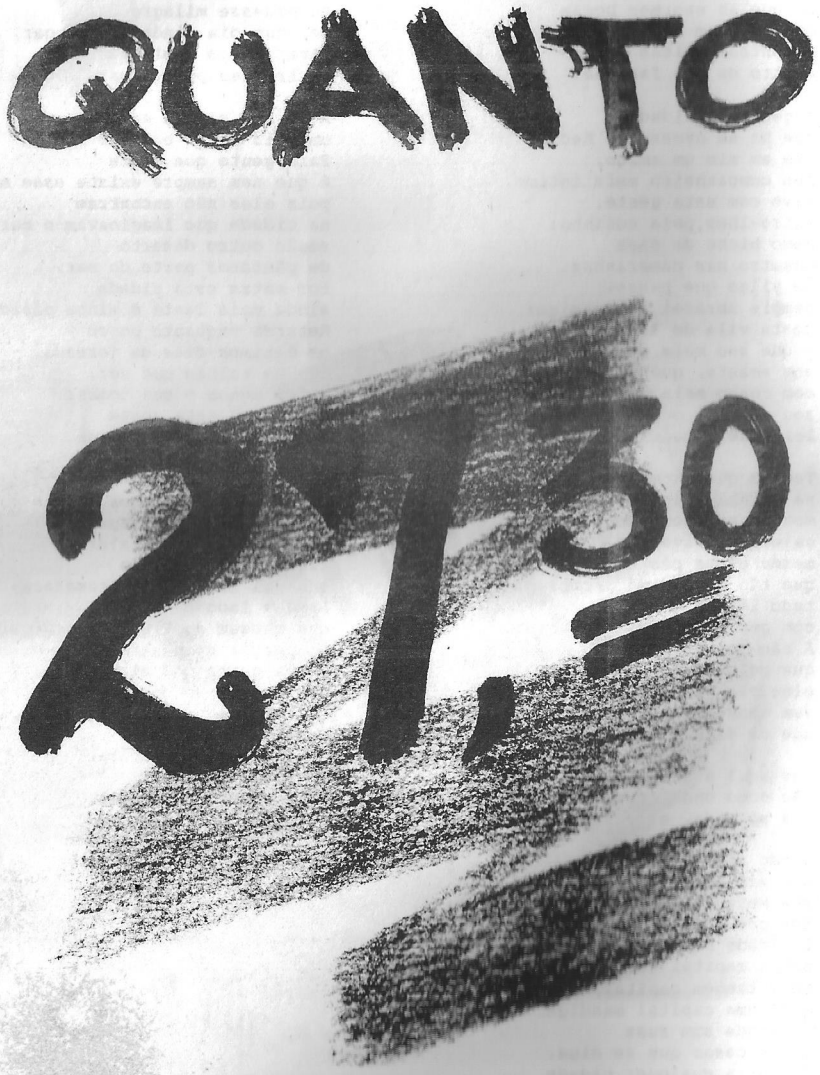
Conheço toda a gente
que deságua nestes alagados.
Não estão no nível de cais,
vivem no nível da lama e do pântano.
Gente de olho perdido
olhando-me sempre passar
como se eu fosse trem
ou carro de viajar.
É gente que assim me olha
deste sertão do Jacarará;
gente que sempre me olha
como se, tanto me olhar,
eu pudesse milagre
de, num dia ainda por chegar,
levar todos comigo,
retirantes para o mar.

A um rio sempre espera
um mais vasto e ancho mar.
Para gente que desce
é que nem sempre existe esse mar,
pois eles não encontram
na cidade que imaginavam o mar
senão outro deserto
de pântanos perto do mar.
Por entre esta cidade
ainda mais lenta é minha pisada;
Retarda enquanto posso
os últimos dias da jornada.
Não há talhas que ver,
muito menos o que tombar:
Há apenas esta gente
e minha simpatia calada.

Já deixando Recife
entro pelos caminhos comuns do mar:
Entre barcos de longe,
sábios de muito viajar;
junto desta barcaça
que vai no rumo de Itamaracá;
Lado a lado com rios
que chegam do Pina com o Jiquiá.
Ao partir companhia
desta gente dos alagados
que lhe posso deixar,
que conselho, que recado?
Somente a relação
de nosso comum retirar;
Só esta relação
tecida em grosso tear.

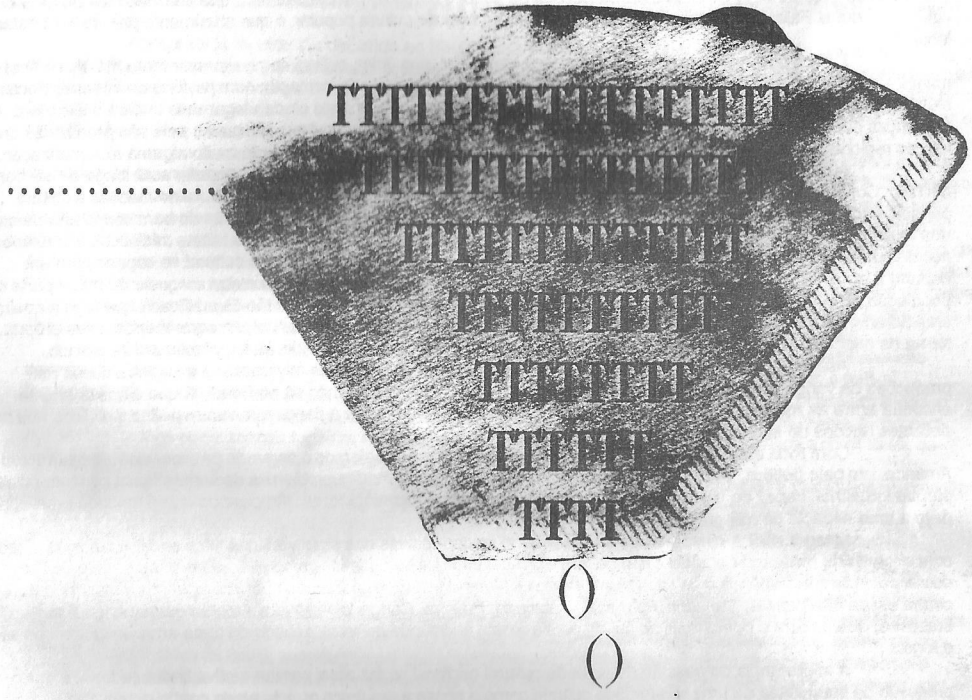
João Cabral de Melo Neto
O Rio

eba/ufba - salvador - ba



faculdade de belas artes de são paulo - são paulo - sp

o café e o tempo



Esse trabalho tem como intenção marcar o tempo através das manchas provocadas pela borra do café nos filtros.
Uma forma concreta de visualizar a passagem do tempo e pará-lo, mesmo que de uma forma visual, na hora programada.
Trazendo consigo o peso da cultura paulista, que diferente do tempo marcado no filtro, não pára!

Tatiana Pedrosa Costa

ernesto valença
usp - são paulo -sp

IDENTIDADE E PLURALIDADE

Se bem me lembro, a idéia inicial de tema para a 3a Bienal não era exatamente Cultura Popular, mas formação cultural brasileira. A inspiração vinha do vídeo e do livro "O Povo Brasileiro", de Darcy Ribeiro. Só depois de um tempo o tema foi se afunilando para o atual. A diferença entre um e outro é não só grande como bastante significativa para o Movimento Estudantil. O CPC da UNE da década de 60 foi o berço de um pensamento que por muito tempo igualava um conceito a outro. Falar de identidade cultural brasileira era falar de cultura popular, o que atualmente parece ser bastante incorreto.

É bem possível que nenhum país possa identificar uma única cultura como representante máxima e final da maneira de viver de seu povo. Um país como o nosso, novo, que iniciou sua formação num período de intensas trocas mundiais, colonizado pelos mais diferentes povos e etnias, talvez possa menos ainda eleger uma cultura unificadora. As diferenças culturais são enormes e de difícil identificação. As culturas que convivem em nosso país são produzidas ora por fatores regionais, ora climáticos, ora sociais e ora por motivações de classe, dificultando muito alguma sistematização.

A dificuldade cresce ainda mais quando se pensa que o conceito de cultura popular está longe de ser bem definido. Conceitos nem tão antigos, que contrapunham uma suposta alta cultura e uma cultura de massas à cultura popular, cada vez mais caem por terra. O intercâmbio é tão grande que seria no mínimo falta de bom senso não perceber que muita cultura popular é fermentada e estudada dentro das universidades, que muitos temas midiáticos são usados nos desafios de cantadores tão esplendidos quanto não alfabetizados e que a indústria cultural se especializou em depurar e aproveitar tanto a formação mais "refinada" quanto a linguagem que mais convêm ao gosto da maior parte da população. Não existem barreiras sólidas entre elas. A produção cultural brasileira é tão diversificada que foge a qualquer enquadramento tradicional, de maneira que só se pode falar com certeza que cada cultura corresponde a sua própria forma de criação, de acordo com as necessidades e vontades de uma comunidade, instituição ou artista isolado.

Assim, quando se fala em cultura brasileira se fala em um leque de atividades que engloba desde as produções de vanguarda, instaladas nas mais diversas salas de exposição (não só no Brasil, já que a nossa arte se encontra entre as mais importantes do mundo), quanto as rodas de música e dança que varam noites, perdidas nos mais distantes rincões do interior brasileiro.

Com toda essa diversidade, como explicar então que nós sejamos o segundo país em extensão territorial da América, um país política, econômica e socialmente integrado, sem grandes problemas de separatismo, com um razoável parque industrial, capaz de uma respeitável produção científica e tecnológica, se não dizendo que a unidade brasileira se deve a uma espécie de milagre?

Milagre não! A conformação do Brasil atual se deu através das mais variadas lutas encarniçadas, realizadas com o intuito de massacrar qualquer tipo de formação cultural que se pusesse como alternativa a um projeto de fazer desse país um mero apêndice do capitalismo mundial. Nossa História está marcada por exemplos de violência sangrenta contra essas alternativas: Canudos, Palmares, Sabinada, Praieira, Cangaço, Araguaia e tantas outras. A unidade brasileira, que amarra o ponto mais ao sul do país à aldeia encravada no mais fechado da mata amazônica, se deu a ferro e fogo.

A importância da questão da unidade cultural nacional se faz atual por um motivo bastante forte: é que o processo de submissão de uma diversidade cultural como a nossa a um único projeto ainda continua nos dias de hoje, agora com características ainda mais violentas.

Nós, que nunca fomos pensados como um povo em si e para si, mas sempre como um amontoado de gentes a serem gastas num projeto eternamente atrelado a interesses estrangeiros, somos colocados diante de uma "globalização" excludente cada vez mais forte.

Se, por um lado, fica cada vez mais claro que não estamos no fim da História, por outro lado, aparentemente estamos cada vez mais próximos do fim da Geografia. O mundo não se divide mais em nações, mas em cifras mais ou menos vantajosas aos investimentos astronômicos do capitalismo, pouco importando as humanidades que vivem sob elas, a tal ponto de alguns intelectuais apregoarem o nascimento de uma pretensa "cultura global", que unificaria e igualaria a todo o mundo.

Indiferente a tudo isso, as localidades e comunidades continuam a inventar suas formas de identificar os seus iguais, de manterem-se diferentes apesar da tentativa de padronização. Nós, marcados pela mais profunda diversidade cultural, devemos estar atentos. O preconceito e a discriminação existem e precisam ser atacados de frente, mas nosso principal problema não são as diferenças étnicas, com acham alguns movimentos até bastante bem intencionados. Nosso problema é uma estrutura de classes que perpassa e amarra toda essa diversidade a um projeto submisso. O que unifica o Brasil é esse projeto.

(Mas não precisa ser assim! Fomos e estamos sendo pensados para sermos apenas uma unidade produtiva anexa a um outro país qualquer. Mas acima do violento processo de unificação, nos afirmamos como um único povo e um povo único. Somos brasileiros por que assim nos sentimos e através dessa crença é possível construir um outro projeto como destino para o país.)

A identidade cultural apresenta-se como um importante tema a ser colocado em pauta na atualidade, mas ela não se resume à cultura popular, englobando inúmeras formas de manifestações culturais e artísticas presentes no país. Por que, então, a escolha pelo tema de Cultura Popular para a 3a Bienal? Pelo menos duas razões podem ser apresentadas.

A primeira é que, através de um "recorte" de tema mais específico, é possível tomar uma posição em relação à questão da identidade sem abrir mão de analisar toda a cultura brasileira. Discutindo Cultura Popular é possível discutir praticamente tudo: mídia, política cultural oficial, identidade, escolhas curriculares da educação, teatro, dança, cinema, música e se não pararmos uma hora a lista se mostra interminável. A programação da Bienal é quem vai decidir isso.

Apesar de já ter sido tão debatido no Brasil (mais do que em qualquer outro país), de já não ser considerada a mesma coisa que identidade cultural, de já termos superado as visões estreitas que marcaram o auge do debate, a Cultura Popular continua sendo alvo de distorções e preconceitos. Escolher Cultura Popular como tema para a 3a Bienal é tomar a posição de que esse é um assunto que precisa ser mais bem tratado e que prossegue sendo uma questão aberta para a nossa identidade.

A segunda razão diz respeito às necessidades do próprio trabalho cultural da UNE. A 1a Bienal foi marco da retomada de um trabalho cultural por parte do Movimento Estudantil de maneira mais sistematizada. A 2a inaugurou a idéia da criação dos CUCA's, que se proliferaram enormemente a partir de então. Mas para o surgimento de um verdadeiro movimento cultural nas universidades, que acaba sendo nossa intenção última, é preciso que entremos agora num debate estético sobre a arte, sobre os processos de criação dos artistas no Brasil, sobre os significados que as obras assumem na contemporaneidade e sobre os mecanismos de relacionamento entre a obra e o imenso público brasileiro. Iniciar esse debate estético a partir da questão da Cultura Popular é iniciar de onde partiram todos os maiores movimentos culturais brasileiros como o Modernismo, os movimentos renovadores da década de 60, o Cinema Novo, o Tropicalismo e o Mangue Beat. As contribuições desses movimentos podem nos ajudar a montar o nosso.

Dessa forma, creio que a maior tarefa desse último seminário do CUCA antes da 3a Bienal seja não apenas idealizar formalmente a programação da Bienal, mas criar nos CUCA's espalhados por todo o país a inquietação de se voltarem para a questão da Cultura Popular, de se perguntarem sobre ela, de pensarem suas possibilidades, de questionarem sua importância. Se conseguirmos acender essa faguilha no seminário, talvez seja possível tocar fogo numa imensa fogueira na 3a Bienal, em fevereiro do ano que vem, cumprindo a difícil tarefa de superar em qualidade as duas edições anteriores.

No intuito de ajudar a iniciar essa discussão, elaborei os itens a seguir com algumas opiniões e visões acerca da cultura popular atualmente. Outras poderiam surgir, mas estas me parecem passíveis de debates.

Cultura popular e tradição

Uma outra confusão permanente quando se fala sobre cultura popular é a associação que se faz dela à tradição. É preciso ter em mente que, mesmo com raízes ancestrais, as manifestações da cultura popular estão sempre sendo inventadas no tempo presente. Se elas continuam a existir é por que elas cumprem alguma função de identificação da sua comunidade de origem nos tempos atuais. As inovações que acontecem nessas manifestações, mesmo as que introduzem elementos de novas tecnologias ou que aprimorem as formas de sustentação financeira, nem sempre significam distorções de sua essência. Boa parte delas dizem respeito a mudanças objetivas das comunidades, que se expressam também nas manifestações artísticas. Por tanto, é preciso que se faça uma boa pesquisa e análise antes de se dizer que a cultura popular precisa ser preservada, e se isso for preciso, o melhor é essa percepção venha da parte dos seus próprios integrantes.

Cultura popular e globalização

Quando nos deparamos com o capitalismo contemporâneo, tendemos a imaginar que a globalização possa vir a causar um desaparecimento das culturas populares. Ao contrário, o que parece estar acontecendo é um revigoramento de muitas manifestações populares, fruto de uma espécie de necessidade de identificação do sujeito com algo que lhe dê sentido num mundo cada vez mais fragmentado. É obvio que há um embate entre algumas concepções globalizantes e a possibilidade de existência das culturas populares, mas nesse campo, não está certo que o neo-liberalismo tenha sempre uma grande vantagem. Por tanto, aqui vale mais uma pergunta que uma afirmação: as culturas populares estão sendo destruídas com o processo da globalização?

Cultura popular e incentivos

Sempre que se debate uma política em relação às culturas populares, tende-se a apressar a elaboração de ações culturais, as mais bem intencionadas possíveis, no sentido de valorizar essa produção. Com esse pensamento, as políticas culturais, sejam oficiais ou de instituições e entidades particulares, estão cheias de atividades como apresentações de danças e folguedos, semanas dedicadas a esta ou aquela manifestação, etc, sob o argumento de fazer as pessoas conhecerem tal manifestação. O problema é que, quando se isola uma parte da cultura popular, aquela parte passível de apresentação pública, tende-se a eventualizar uma manifestação que em sua origem tem um significado que jamais será captado numa apresentação. A essência, o significado que aquela manifestação tem para a comunidade que a elaborou, perde-se no contexto do espetáculo, resultando que, descontextualizada, aquilo que se vê numa apresentação oficial, incentivada, nunca é exatamente a manifestação original da cultura popular. Assim, duas perguntas podem ser feitas: deve-se exigir uma política cultural de incentivo a cultura popular? Com fazer para que não incorramos nesse erro de descontextualização na própria Bienal?

cuca

Esta é uma publicação do Circuito Universitário de Cultura e Arte/UNE

Edição Especial para o 3º Seminário do CUCA

Tiragem: 1000 exemplares

Capa: Obra de Cildo Meireles - "*Cruzeiro do Sul*"

Coordenação Nacional dos CUCA´s: Luis Parras

Projeto Gráfico:: Kelly Teixeira

Acesse: www.estudantenet.com.br

Trabalhos:

02 - Cildo Meireles
03 - Brigida Campbell e Marcelo Terça-Nada - UFMG - Belo Horizonte, MG
04 - João Cabral de Melo Neto
05 - GIA - Escola de Belas Artes/ UFBA - Salvador, BA
06- Tatiana Pedrosa Costa - Faculdade de Belas Artes de São Paulo - São Paulo, SP
07 - Ernesto Valença - USP - São Paulo, SP
10 - Diana Vaz - UNESP - São Paulo, SP
11 - Kelly Teixeira - São Paulo, SP
12 - Manoel Marcelo Gomes - UERJ - Rio de Janeiro, RJ
13 - Nepp - UFG - Goiânia, GO

unesp - são paulo - sp

PROCURA-SE

Foi roubado, no ano de 1644, o Mantelete Emplumado dos Tupinambás.
O principal suspeito é o príncipe Maurício de Nassau.
Possíveis paradeiros do Mantelete são Dinamarca, França, Itália e Bélgica.

Recompensa

A recuperação do patrimônio cultural-histórico-indígena brasileiro.

Aqueles que possuírem informações de como recuperá-lo, favor entrar em contato com o povo brasileiro.

Recife, 13 de setembro de 2002.

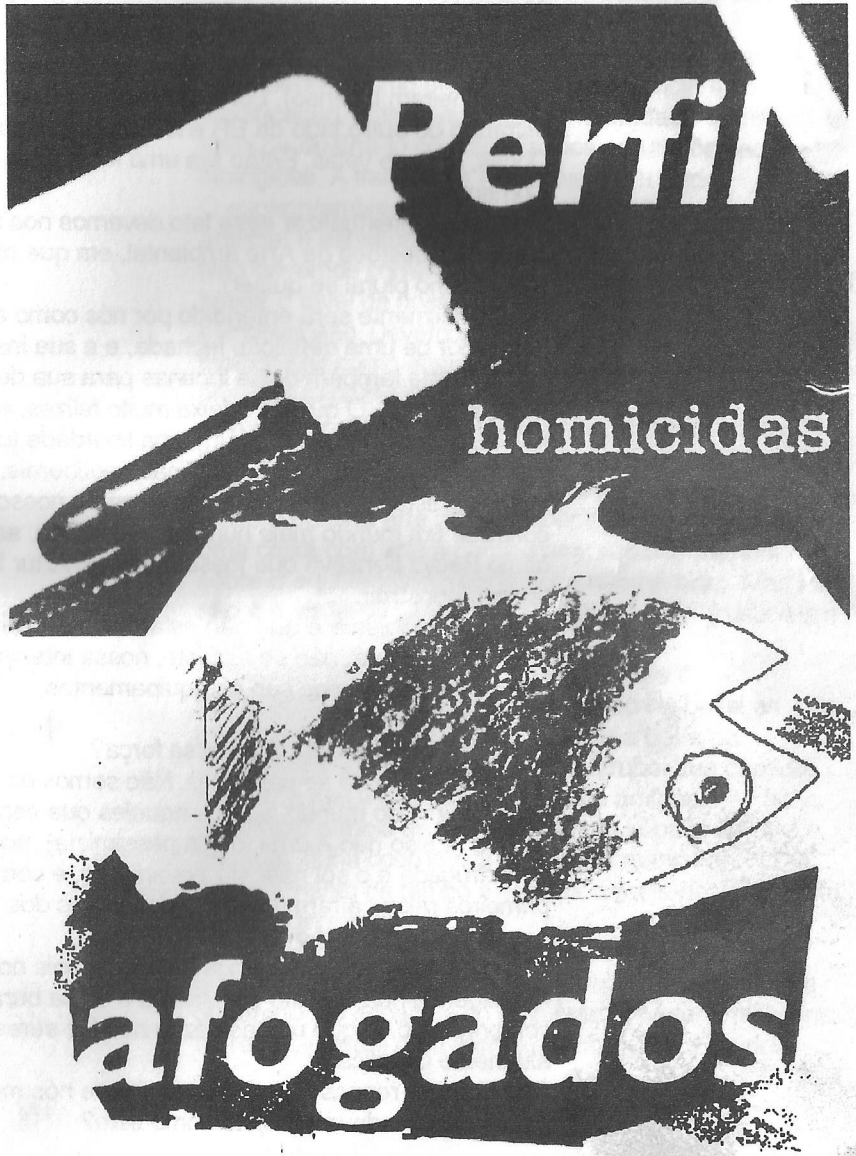
Diana Vaz

kelly teixeira

são paulo- sp

manoel marcelo gomes

uerj - rio de janeiro - rj



Crianças espirituais esperam seu alimento na beira da cachoeira
Dia de chuva e os pés de jabuticaba ameaçam florescer (é a madrugada mais generosa do ano as flores cheiram incenso). Percebemos um movimento estranho do outro lado da BR e fomos investigar.
Doces, flores e velas. Então era uma festa para nós.
Comemos...
Antes de contextualizar esse fato devemos nos indagar sobre as questões de Arte ambiental, em que nível? (coloque no plural se quiser).
Arte, dificilmente será entendido por nós como algo possuidor de uma definição fechada, e a sua inserção no ambiente também deixa lacunas para sua definição como proposta. O que nos deixa muito felizes, afinal não queremos de modo algum uma liberdade tolhida por frações de definições cientificas neoliberais.
Somos artistas românticos e tentamos ao nosso modo construir um mundo mais humanista e crítico, assim como Beuys pensava que fosse melhor e Artur Barrio tentava construir.
O grande problema é que não estamos construindo esse mundo. (ora, não se assuste, nossa intenção é boa, o que não temos são os equipamentos necessários).
Então de nada adiantará a nossa força?
De nada adiantará se pararmos. Não somos os construtores do mundo, somos aqueles que esboçam o projeto (e isso não é uma lógica pessimista), pois ainda é madrugada e o sol nascerá novamente, e com seus primeiros raios caíram os muros das casas dos homens e as crianças poderão fazer suas festas.
Como projetistas somos ainda imaturos, pois nossa linguagem ainda é muito sofisticada e deixa buracos de compreensão. O que muitas vezes nos faz seres altamente umbilicais.
Que tipos de resposta podem esperar de nós mesmos para a criação de um projeto como este?

Primeiro devemos entender ambiente como o espaço da natureza do homem para o homem e da natureza, e esquecer a filosofia neo/liberal falida dos últimos séculos onde a imagem da degradação do homem se sintetiza na enorme bola de lixo lançada no espaço no seriado Futurama.
Entender o ambiente (inclusive este que você está percebendo) como um local de interferência e não de modificação, pois devido nossa imaturidade corremos os risco de destruí-lo com aberrações arquitetônicas e biológicas. A transgenia não salvará o mundo.
O espaço/ambiente é físico, ideológico, mental, natural, artificial e espiritual.
Não devemos correr o risco das décadas passadas e baixar o nível de nossa retórica projetual para sua compreensão. Devemos agir como professores (não, melhor agir como ensinantes) e ir aos poucos formando pessoas capazes de plantar árvores. Nesse ponto devemos esquecer nosso idealismo artístico, nossa prepotência e nosso umbigo para sermos mais humildes e podermos ensinar como ver ambiente (nesse ponto omito a palavra arte por perceber o ambiente não como uma caixa com arte e penso como Antonio Manoel sobre o equilíbrio do mundo onde não há arte). Mas isso não é a visão de Utopos é a dissolubilidade artística em continuum.
O respeito a todos os espaços/ambientes é fundamental. Naquele dia chuvoso não respeitei as crianças que queriam fazer sua festa a beira da cachoeira e roubei seus doces e derrubei sua comida feita com mel e perdi todos os meus amigos, não tinha entendido aquele ambiente como um espaço de arte e de ritual, tinha ocorrido ali uma performance um deslocamento de tempo e espaço, aquele deslocamento foi de ordem espiritual.
Um tipo de deslocamento parecido ocorre quando fazemos arte ou quando a percebemos, é uma ruptura do tempo, do espaço e do ambiente, é o pleno momento da reflexão entre o eu eterno o ambiente e o mundo.